



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA: UMA ANÁLISE  
DA PRODUÇÃO ACADÊMICA ATUAL SOBRE A DISLEXIA;**

**MARINA DE SOUSA RODRIGUES**

**BRASÍLIA, FEVEREIRO DE 2022**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA: UMA ANÁLISE  
DA PRODUÇÃO ACADÊMICA ATUAL SOBRE A DISLEXIA;**

**MARINA DE SOUSA RODRIGUES**

Trabalho Final de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB - como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Alia Maria Barrios González

**BRASÍLIA, FEVEREIRO DE 2022**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Aprovado em: 03/03/2022**

### **Comissão Examinadora:**

---

Profa. Dra. Alia Maria Barrios González  
Presidente – Faculdade de Educação/TEF/UnB

---

Prof. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues  
Examinadora – Faculdade de Educação/TEF/ UnB

---

Prof. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias  
Examinadora – Faculdade de Educação/MTC/ UnB

---

Prof. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire  
Suplente – Faculdade de Educação/TEF/ UnB

À minha mãe, que sempre esteve comigo e foi o meu porto seguro durante toda a minha caminhada. À minha família, que sempre me apoiou e se orgulha por ter uma pessoa da família em uma universidade pública. Aos professores dessa universidade os quais tive a oportunidade de conhecer e aprender. Aos amigos, que permaneceram do meu lado e me deram o apoio necessário.

## AGRADECIMENTOS

Não imaginaria que, aos 22 anos, durante uma pandemia escreveria um trabalho acadêmico que me encheria de orgulho. Sei que essa realização não seria possível se eu não tivesse tido todo o apoio, amor e carinho daqueles que me cercam.

Agradeço primeiramente a Deus que me dá a vida e a força necessária para estar nesse mundo e por tornar possível a escrita desse trabalho.

Agradeço à minha família, em especial a minha mãe, Francisca das Chagas de Sousa, por todo amor e apoio que sempre me deu para que essa minha jornada fosse possível e pelo cuidado e paciência que sempre teve comigo. Ao meu avô e minha avó maternal por todo amor e esperança que depositaram em mim. Nada disso seria possível sem o suporte de vocês.

As minhas amigas, em especial Alessandra Ferreira, Bruna Castro, Isabella Rosa, Katlen Kessy e Lorena Lorrana por comemorarem todas as minhas conquistas, perto ou longe, por toda amizade e compreensão. Sem vocês, a minha caminhada teria sido mais pesada, pude compartilhar momentos importantes e especiais com vocês.

Aos meus professores da educação básica, sou grata por ter conhecido cada um deles e por terem me proporcionado uma formação escolar enriquecedora. Aos meus professores da Universidade de Brasília, minha total admiração. Acredito que todos os momentos vivenciados dentro ou fora das salas da Faculdade de Educação foram importantes, enriquecedoras e ajudaram a formar a Marina que sou hoje.

Em especial, agradeço à professora Dr<sup>a</sup> Alia Maria Barrios González, minha orientadora, fui sua aluna, monitora e orientanda de trabalho de conclusão de curso, acredito que esse caminho percorrido foi especial. Obrigada por tantos ensinamentos, paciência e atenção.

À banca examinadora, que dedicou seu tempo na leitura desse trabalho.

E àqueles que tornaram este trabalho possível, deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema o transtorno específico de aprendizagem na leitura (dislexia), entendendo esse transtorno como uma dificuldade de aprendizagem com causas e características determinadas e que, além disso exige um processo diagnóstico e de intervenção em consonância com suas especificidades. A escolha do tema foi feita em função da necessidade de entender e saber sobre as diferentes definições das dificuldades de aprendizagem, além de compreender sua caracterização, seu diagnóstico e as possíveis intervenções diante do transtorno específico de aprendizagem na leitura, a dislexia, visto que ainda hoje é um tema pouco pesquisado e discutido. Sendo assim, o estudo realizado teve como objetivo realizar um levantamento do perfil das publicações acadêmicas brasileiras relativas à dislexia entre 2015 a 2020, destacando aspectos que possam ser relevantes sobre diagnóstico e intervenção. Para alcançar os objetivos do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica visando o aprimoramento e atualização do conhecimento através de uma investigação científica de obras que já foram publicadas. O levantamento das publicações acadêmicas foi realizado na base de dados Scientific Electronic Library Online – Scielo, a busca utilizou como descritores os termos ‘dislexia’, ‘transtorno de leitura’ e ‘dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita’. Com base na análise das publicações encontradas, é importante sinalizar que a área da Fonoaudiologia continua sendo a área do conhecimento que mais pesquisa e publica sobre o tema, entretanto, é importante especificar que houve um aumento do interesse pelo tema na área da Educação. Contudo e a partir do estudo, sinalizamos, que há a necessidade de mais pesquisas e discussões sobre o tema na área educacional de maneira geral, e na escola de forma mais contextualizada e específica.

**Palavras-chave:** dificuldades de aprendizagem; dislexia; transtorno de leitura.

## ABSTRACT

The present work has as its theme the specific learning disorder in reading (dyslexia), understanding this disorder as a learning difficulty with specific causes and characteristics and which, in addition, requires a diagnostic and intervention process in line with its specificities. The choice of topic was made based on the need to understand and know about the different definitions of learning difficulties, in addition to understanding their characterization, diagnosis and possible interventions in the face of the specific learning disorder in reading, dyslexia, given that which is still a topic that is little researched and discussed today. Therefore, the study carried out aimed to carry out a survey of the profile of Brazilian academic publications related to dyslexia between 2015 and 2020, highlighting aspects that may be relevant for diagnosis and intervention. To achieve the objectives of the present work, a bibliographical research was carried out aiming at the improvement and updating of knowledge through a scientific investigation of works that have already been published. The survey of academic publications was carried out in the Scientific Electronic Library Online - Scielo database, the search used as descriptors the terms 'dyslexia', 'reading disorder' and 'learning difficulties in reading and writing'. Based on the analysis of the publications found, it is important to point out that the area of Phonoaudiology continues to be the area of knowledge that most researches and publishes on the subject, however, it is important to specify that there has been an increase in interest in the topic in the area of Education. However, based on the study, we indicate that there is a need for more research and discussions on the subject in the educational area in general, and in school in a more contextualized and specific way.

**Keywords:** learning difficulties; dyslexia; reading disorder.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Distribuição dos artigos analisados por ano de publicação	45
Figura 2 - Distribuição dos artigos analisados por área de conhecimento	46

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Sintomas de Dislexia	30
Quadro 2 - Perfil traçado dos artigos selecionados e analisados	38
Quadro 3 - Pontos relevantes sobre o diagnóstico e intervenção nos casos de dislexia	47



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APA	Associação Psiquiátrica Americana
CEAN	Centro de Ensino Médio Asa Norte
CEF	Centro de Ensino Fundamental
DSM IV	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
DSM 5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IDA	International Dyslexia Association
LDA	Learning Disabilities Association of América
PAS	Programa de Avaliação Seriada
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

### PARTE I

<b>MEMORIAL ACADÊMICO.....</b>	<b>11</b>
--------------------------------	-----------

### PARTE II

<b>TRABALHO MONOGRÁFICO.....</b>	<b>15</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>18</b>
1.1 Leitura e escrita: importância e construção.....	18
1.2 As dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita .....	23
1.3 A dislexia: histórico, possíveis causas e características.....	28
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>36</b>
2.1 Tipo de Pesquisa ou Considerações metodológicas.....	36
2.2 Procedimentos para levantamento de dados .....	37
2.3 Procedimentos de sistematização e análise das informações.....	37
<b>3 RESULTADOS .....</b>	<b>38</b>
3.1 Apresentação do perfil traçado.....	38
3.2 Apresentação da análise temática.....	47
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## MEMORIAL ACADÊMICO

Bom, eu comecei a estudar em 2003 quando estava com 4 anos de idade, na Escola Classe 415 norte – Distrito Federal, uma escola pública e aliás toda a minha trajetória escolar aconteceu em escolas públicas, escolas essas nas quais vivi bons momentos e tenho ótimas lembranças.

Me lembro do meu primeiro dia de aula na turminha do Jardim 1 e foi um dia bem desesperador por ser muito apegada a minha mãe e porque era o meu primeiro contato com a escola, eu fiquei assustada pois era tudo muito novo para mim, não entendia direito porque estava naquele lugar, não queria contato com a professora, apenas queria minha mãe, não entendia porque tinha outras crianças naquele lugar, e aquela situação toda me deixou bem confusa, mas após uma semana de aula, comecei a entender a nova dinâmica que minha vida passava a tomar.

Minha passagem por essa escola foi breve pois em julho de 2004 eu tive que trocar de escola e passei a estudar no Jardim de Infância da 312 norte – Distrito Federal, nessa escola fiz o Jardim 2 e o Jardim 3, no começo me senti um pouco mal por ter que trocar de escola e de me adaptar aos novos colegas e professores, mas depois de alguns dias já estava adaptada.

Cursei da primeira série à quarta série na Escola Classe 312 norte – Distrito Federal, que ficava ao lado do Jardim de Infância da 312 norte, muitos colegas que estavam comigo no Jardim 3 passaram a estudar nessa mesma escola, fato esse que me deixou um pouco mais confortável com relação a essa mudança de etapa em minha vida. Essa transição do Jardim de Infância para a Escola Classe foi bem tranquila e me adaptei facilmente a escola, as professoras e aos novos colegas.

O que mais me marcou durante essa fase escolar foi o fato da escola ser muito envolvida com a comunidade escolar e fazia questão de ter sempre as famílias dos alunos presentes em todos os momentos, além disso, os projetos pedagógicos e as festas que aconteciam nessa escola eram enriquecedores e pareciam ter um toque de mágica.

Outra lembrança forte que tenho, está relacionada ao meu aprendizado, lembro-me que tive uma certa facilidade para a leitura, mas dificuldade com relação à escrita e constantemente trocava algumas letras, por exemplo (t por d, p por b, m por n) e esse fato de certa forma me frustrava, outra dificuldade que tive foi com a Matemática em operações que envolviam a multiplicação e a divisão.

Como era uma escola pequena, ao finalizar aquele ano, tive que ir para uma maior. E no ano de 2010 tive que me mudar para uma escola maior que atendia da quinta à oitava série, o CEF – Centro de Ensino Fundamental 07 de Brasília – Distrito Federal.

Tive medo e fiquei ansiosa quando essa mudança aconteceu, pois escutava muitos comentários negativos a respeito da escola e o fato de passar a ter um professor para cada matéria me deixava assustada, mas após algumas semanas eu peguei o ritmo, percebi que os comentários que eu escutava não passavam de boatos e entendi como aquela nova etapa de estudos iria funcionar. Gostei dos professores que conheci, aprendi muito além dos conteúdos programados. E fiz novas amizades, com algumas mantenho contato até hoje.

Quando estava na quarta série, ainda na Escola Classe 312 norte, eu havia me interessado pelo Karatê, após ver que na escola tinha aulas dessa luta através de um projeto da própria escola, consegui uma vaga para praticar o esporte, mas pratiquei apenas por um ano, pois como aconteceria a troca de escola, não sabia se poderia continuar a praticar.

Fiquei meio triste e cabisbaixa, mas por sorte no CEF 07 havia um projeto de Karatê e eu consegui continuar a treinar, treinei da quinta até a oitava série e apenas parei de treinar quando tive que ir ao ensino médio, em uma outra escola.

Cursei o ensino médio no CEAN – Centro de Ensino Médio Asa Norte – Distrito Federal, uma escola que está localizada na 607 norte, bem perto da Universidade de Brasília (UnB), sempre escutei comentários maravilhosos dessa escola, quando cheguei e me senti parte dela entendi o porquê de tantos comentários positivos. Nessa escola fiz algumas amizades com as quais tenho contato até hoje, conheci professores maravilhosos e fiz amizades com eles também, tive uma ótima preparação para o Programa de Avaliação Seriada (PAS) e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), além dos conteúdos programados (os componentes curriculares de cada disciplina) aprendi lições valiosas. O CEAN para mim era como se fosse uma mini universidade.

Após o terceiro ano do ensino médio e em minhas férias de fim de ano a pressão tomou conta de mim, pois queria saber o resultado do Programa de Avaliação Seriada e também do Exame Nacional do Ensino Médio, para saber se ingressaria na Universidade de Brasília – UnB. E no começo do ano de 2017, o resultado do PAS saiu, me lembro que quando fui digitar no site o meu nome minhas mãos tremiam e quando pude ver que estava aprovada para o curso que havia escolhido, não contive as lágrimas.

A escolha do curso já havia sido feita desde o meu segundo ano do ensino médio, iria cursar Pedagogia. Mas para falar a verdade essa escolha já havia sido feita bem antes do ensino médio, pois durante toda a minha infância me recordo de ter em mente que queria ser professora, pois

adorava brincar de escolinha e quando em sala de aula gostava de ajudar os meus colegas que estavam com dificuldades.

Chegando na UnB fiquei maravilhada com o espaço da Faculdade de Educação e com os outros espaços que conheci, conversei com alguns veteranos e conheci alguns calouros, assim como eu. Logo no primeiro dia ocorreu o trote do professor carrasco (trote bem conhecido na Pedagogia) em que um veterano encena o papel de um professor autoritário, com atitudes abusivas e bastante desrespeitosas, durante o trote fiquei muito assustada e recuada, mas após os esclarecimentos serem prestados fiquei alerta pois aquilo significava que eu enquanto estudante não deveria aceitar esse tipo de acontecimento em uma universidade pública.

O primeiro semestre foi cheio de descobertas e desafios, cursei matérias que me fizeram refletir e pensar em uma prática pedagógica mais humanizada. No segundo e terceiro semestre, comecei a me questionar se realmente eu queria ser professora, dúvida essa, que nunca tinha passado pela minha cabeça antes, algumas matérias me fizeram ter momentos de reflexões profundas e vez ou outra eu me questionava.

Mas, no quarto semestre cursei duas disciplinas que despertaram novamente o meu interesse em ser professora, foram elas “Didática Fundamental” e “Psicologia da Educação” com professoras maravilhosas, respectivamente Edileuza Fernandes e Alia Barrios. Essas duas disciplinas mantinham minha total atenção e dedicação, as discussões e levantamentos realizados em sala de aula durante essas duas disciplinas me instigaram a repensar a educação, o ser professor e o ensino e aprendizagem.

No quinto e sexto semestre cursei disciplinas muito importantes e que contribuíram muito para o meu ser e me tornar professora, já havia iniciado os estágios obrigatórios e com essa prática pude entender e observar um pouco mais sobre a teoria e prática, entendi também que teoria e prática são coisas diferentes e que está em sala de aula é um grande desafio. Com os estágios, pude perceber e entender que o que alguns futuros colegas de profissão falavam “Não é fácil ser professor!” e realmente, que tarefa árdua, difícil e também desafiadora que é, ser um educador.

Após cursar “Psicologia da Educação” um interesse pela área foi aflorando em mim e me pegava pensando sobre uma possibilidade de escrever o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) relacionado a uma temática da área, mas não tinha nada certo em mente e pensava que estava cedo para se escrever um Trabalho de Conclusão de Curso. E apenas no oitavo semestre após cursar outra disciplina com Alia Barrios, a disciplina “Enfoques Psicopedagógicos das Dificuldades de Aprendizagem” que me veio à mente e tive interesse por pesquisar e escrever sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita.

E cá estou eu, nessa travessia desafiadora que é ter pesquisado as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita.

E agora, depois de formada? Meu propósito é atuar como professora na Secretaria de Educação do Distrito Federal, quero prestar o concurso e poder contribuir com a vida dos estudantes que irei encontrar nessa trajetória, fazer a diferença na vida desses estudantes e poder ensinar e aprender juntamente com eles. Colocar em prática tudo aquilo que aprendi durante a minha graduação.

## INTRODUÇÃO

A temática das dificuldades de aprendizagem sempre me interessou, pois sempre tive curiosidade e queria entender um pouco mais do porque alguns estudantes por mais que se esforçassem não conseguiam aprender determinados conteúdos, sobretudo essa temática ainda é pouco discutida, mesmo que um grande número de estudantes apresente alguma barreira no processo de construção do conhecimento. Essas dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas com alguns fatores: familiares, emocionais, sociais, orgânicos, pedagógicos, dentre outros, o que pode acarretar em um bloqueio do processo de aprendizagem dos estudantes, os desestimulando, gerando inseguranças e os fazendo ficarem desinteressados pelo ambiente escolar, gerando assim, a perda do desejo de aprender.

Há ainda hoje, uma falta de precisão nas concepções teóricas sobre as dificuldades de aprendizagem e essa imprecisão se percebe principalmente quando ela recebe outros nomes, como: problemas de aprendizagem, problemas na aprendizagem, problemas escolares, distúrbios de aprendizagem, transtornos na aprendizagem etc. (PARENTE; RANÑA, 1987; ROCHA apud MÓL, 2007). Segundo Dockrell; Shane (2000) a explicação para esse fato está na seguinte questão, à diversidade de dificuldades específicas existentes, também a diversidade de áreas que abordam as dificuldades contribui para isso.

Smith e Strick (2001, p.15) definem que “o termo dificuldade de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico”. E com isso trazem como marca que “o que as crianças com dificuldades de aprendizagem têm em comum é o baixo desempenho inesperado”. Como consequência, o desempenho escolar dos estudantes que sofrem com alguma dificuldade de aprendizagem é inconsistente, muitas vezes à frente de suas classes em algumas áreas, mas atrás em outras.

Segundo Smith e Strick (2001, p. 21) “embora supostamente as dificuldades de aprendizagem tenham uma base biológica, com frequência é o ambiente da criança que determina a gravidade do impacto da dificuldade. ” E assim, quando falamos em dificuldades de aprendizagem é importante analisar o contexto em que os estudantes estão inseridos, sobretudo o ambiente doméstico (familiar) e o ambiente escolar.

Bom, o ambiente doméstico vai ter uma grande influência e importância no processo de aprendizagem, pois ao propiciar um ambiente estimulante e encorajador há grandes chances das crianças que convivem nesse ambiente ficarem mais dispostas e entusiasmadas a aprender.

Mas, se o ambiente não for estimulante e encorajador e não se atentar para proporcionar situações que promovam novas aprendizagens é possível que a capacidade de uma criança para aprender seja prejudicada. Quanto ao ambiente escolar, vale salientar, que deve oportunizar condições apropriadas de aprendizagem aos estudantes, sendo assim, salas muito cheias, professores sobrecarregados, espaço físico deteriorado e falta de recursos e materiais didáticos além de comprometer a capacidade dos estudantes para aprender ainda os desestimulam e os deixam desanimados.

Sendo assim, pais ou responsáveis e os professores por possuírem um papel fundamental e essencial na vida dos estudantes, especialmente na vida escolar devem estar atentos, dispostos e vigilantes ao propiciar ambientes que sejam favoráveis à aprendizagem e também a observar suas crianças.

Os pais ou responsáveis por conviverem com seus filhos podem identificar alguma diferença com relação a outras crianças que possuem a mesma média de idade. E os professores, por sua experiência em sala de aula, pelo seu dia a dia e pelo convívio com outras crianças podem identificar se alguns estudantes demandam mais tempo para aprender determinados conteúdos ou para realizar tarefas e atividades do dia a dia da sala de aula.

Diante dessas questões, é importante e necessário que os professores possuam além de apenas conhecimentos, diferentes estratégias de ensino a fim de atender as demandas necessárias dos alunos, muitas vezes demandas individuais, fazer a utilização de novas propostas pedagógicas, para assim, tentar compreender melhor os processos cognitivos de seus alunos.

Por esses motivos, se faz importante que os educadores estejam atentos às dificuldades que se apresentam no cotidiano da escola, da sala de aula e dos estudantes, para assim, ir buscando conhecimentos teóricos e práticos em relação ao processo de construção do conhecimento e, especificamente, no que se refere a leitura e à escrita, sobretudo, porque dificuldades nessas atividades podem ter consequências que podem perdurar por toda a vida.

Desse modo, é muito importante saber quais são as definições do que é considerado dificuldades de aprendizagem principalmente dentro do ambiente escolar, pois se faz necessário que principalmente os professores, estejam preparados para saber lidar com o processo de ensino-aprendizagem frente às dificuldades. Mas, vale salientar que para a família também é importante e necessário entender e estar preparado para lidar com as dificuldades que possam entrar o processo de ensino-aprendizagem de suas crianças.

Entender e saber as definições das dificuldades de aprendizagem é essencial para que elas sejam corretamente identificadas e avaliadas para que assim, não haja a rotulação dos es-



tudantes perante as suas dificuldades e para evitar desgastes e frustrações aos estudantes e professores e sobretudo, se faz necessário que as necessidades e demandas desses alunos sejam respeitadas e atendidas.

Partindo dessas considerações, o presente trabalho buscou compreender como o transtorno específico de aprendizagem na leitura (dislexia) tem sido abordado nas publicações acadêmicas brasileiras nos últimos anos, entendendo esse transtorno como uma dificuldade de aprendizagem com causas e características determinadas. Além disso, o transtorno específico de aprendizagem na leitura (dislexia) deve ter um processo diagnóstico e de intervenção em consonância com suas especificidades.

O presente trabalho teve como:

**Objetivo geral:** Realizar um levantamento do perfil das publicações acadêmicas brasileiras relativas à dislexia entre 2015 a 2020, destacando aspectos que possam ser relevantes sobre diagnóstico e intervenção.

**Objetivos específicos:** (1) Realizar um levantamento das publicações acadêmicas brasileiras relativas à dislexia entre 2015 a 2020 na Scientific Electronic Library Online (SciELO); (2) Analisar o perfil das publicações acadêmicas levantadas considerando: tipo e ano de publicação, área da publicação e tema central; (3) Destacar aspectos relevantes sobre diagnóstico e intervenção tratados nas publicações.

O trabalho foi estruturado da seguinte maneira: no capítulo um abordamos um pouco sobre a história da leitura e escrita, a sua importância e a diferença entre os termos alfabetização e letramento, a conceituação e breve contextualização histórica das dificuldades de aprendizagem, diferenças entre as dificuldades de aprendizagem e os transtornos específicos de aprendizagem, uma breve caracterização das dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita e do transtorno específico da aprendizagem na leitura (dislexia) de acordo com diversos textos acadêmicos e com os manuais diagnósticos e estatísticos da Associação Psiquiátrica Americana (APA), que apresentam suas características e/ou sintomas, assim como alguns critérios para seu processo de diagnóstico e intervenção.

O capítulo dois apresenta a metodologia e o método de pesquisa bibliográfica realizada. No capítulo três foram apresentados os resultados do estudo, fechando o trabalho com as considerações finais no capítulo quatro.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 Leitura e escrita: importância e construção

A aquisição da leitura e da escrita são fundamentais uma vez que estas compõem “ [...] uma habilidade que faz parte do cotidiano das pessoas. Em um mundo globalizado, a leitura se torna uma ferramenta de afirmação social.” (OLIVEIRA et al., 2009, p.149), indo além de apenas decodificar/decifrar códigos, mas visando também a compreensão de todo o contexto que a envolve. É preciso entender que no processo de leitura o leitor é um sujeito histórico e social e tem percepção do mundo que o cerca. Para Oliveira et al. (2009, p.160), a leitura e a escrita são “ [...] uma habilidade básica para a aprendizagem dos conteúdos das diferentes disciplinas [...] então é possível que aqueles alunos com dificuldades específicas em leitura apresentem dificuldades em outras disciplinas. ”

É notável a importância que a escrita e a leitura têm na nossa sociedade, em nosso mundo letrado, e para entendermos como que ocorreu essa apropriação da leitura e da escrita pelo homem é fundamental fazermos um breve retorno ao surgimento da escrita, destacando alguns sistemas de escrita que se formaram ao longo dessa história.

A escrita transforma a cultura em algo possível de transmitir, como: as leis, o comércio, as filosofias, as religiões, a história e outros. Segundo Higounet (2003), a escrita faz de tal modo parte da nossa civilização que poderia servir de definição dela própria, dividindo a história da humanidade em duas imensas eras, antes e a partir da escrita.

Desde muito tempo atrás a humanidade encontrou diferentes formas de expressão e comunicação, por meio: da oralidade, de desenhos, símbolos e até que se esboça o aparecimento da escrita, e uma das primeiras formas de trocar mensagens, transmitir ideias, desejos e necessidades foi através dos desenhos feitos nas paredes das cavernas, as pinturas rupestres, mas essa forma de se expressar não era considerada escrita pois não havia uma organização e não havia uma padronização dessas representações.

É por volta de 3500 a. C. que surge uma escrita sistematizada, foi quando os sumérios desenvolveram na região da Mesopotâmia a escrita cuneiforme, e este é o sistema de escrita mais antigo que conhecemos até hoje. Os registros do cotidiano, econômicos e políticos do povo eram feitos com sinais e números sobre placas pequenas de argila, após terem terminados as inscrições as placas eram colocadas ao sol para secar. A partir da escrita cuneiforme, a literatura teve início, alguns textos literários antigos apareceram em tabuletas sumerianas, esses

textos tinham forma de poemas e de narrativas, mas apesar disso, a maioria dos registros encontrados de inscrições cuneiformes são referentes a registros contábeis e administrativos.

Um dos sistemas mais belos de escrita e juntamente com o sistema de escrita cuneiforme um dos mais importantes, é o da escrita egípcia sendo também chamada de escrita hieroglífica devido a sua forma mais antiga. Os hieróglifos eram sinais sagrados gravados que os egípcios consideravam ser as falas dos deuses, basicamente, consistia em dois mil e quinhentos sinais aproximadamente e eram usados com frequência aproximadamente quinhentos desses, sua escrita costumava ser feita em diversos materiais, como: metal, pedra, madeira e outros suportes duros e também eram escritos em tinta sobre o papiro, essa escrita tinha um caráter bem decorativo. (REIS, 2019)

E existia uma escrita para o dia a dia e que não necessitava de muito tempo para se traçar ou desenhar, que se chamava escrita hierática.

A maior parte da escrita no Egito Antigo, no entanto, não era em hieróglifos, que tomavam muito tempo para traçar ou entalhar. A escrita hieroglífica cursiva, só muito mais tarde chamada de “hierática”, desenvolveu-se quase imediatamente como instrumento prático para escrever documentos comuns – cartas, contabilidade, listas – e já no segundo milênio a. C., também textos literários (FISCHER, 2009, p.43)

Outro sistema de escrita importante e o único que está em uso atualmente, é o sistema de escrita chinesa, esse sistema de escrita conta com todas as palavras monossílabas e que podem ser verbos, substantivos e adjetivos, dessa forma, as frases chinesas são apenas justaposições das palavras e a função gramatical vai depender do lugar que as palavras ocupam.

Ao longo dos séculos, os povos antigos não conheceram uma forma precisa para registrar por escrito as palavras faladas, criando diversos sistemas de escritas, sistemas esses baseados principalmente em ideografias e imagens. Sendo assim, foi surgindo gradativamente e gradualmente uma forma de escrita alfabética, essa forma era a norte-semítica, que era formada por vinte e dois símbolos.

Foram três regiões que conquistaram uma grande importância no desenvolvimento do alfabeto no fim do segundo milênio a. C., Israel, Fenícia e Aram e que propiciaram essa nova forma de escrita, a escrita alfabética. Foi através da decomposição das frases em palavras que surgiu o entendimento da escrita como nós entendemos atualmente. Após as notações das palavras, o homem passou as notações dos sons e a partir daí que se chega as escritas fonéticas. (REIS, 2019)

Desse modo, vai se criando o esboço do que chamamos de alfabeto, que para Higounet (2003) é “ O alfabeto pode ser definido como um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem. ”

O alfabeto grego é primordial na história de nossa escrita e da civilização, desenvolvido nos séculos VI e VII a. C., representava os sons da voz humana, esse alfabeto contava com empréstimos feitos do alfabeto fenício, que usava símbolos para representar os sons. No início, o alfabeto grego era bem complexo e contava com um catálogo completo, mas o processo de escrita era ainda muito primitivo e não contava com uma padronização de escrita.

Segundo Fischer (2009), foi devido a influência militar, econômica e cultural da Grécia, exercida por Alexandre, o Grande, que o alfabeto grego se tornou o modelo para alfabetos completos que surgiram na Europa nos anos seguintes e que até hoje, dois mil anos mais tarde, continua vivo.

Assim, entendemos que a escrita não serve apenas para a fixações das palavras, mas vai para algo muito além disso e de extrema importância no nosso cotidiano, nos dando acesso ao mundo das ideias, nos permite apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo e “contribui não só para o nosso entendimento do mundo como de nós mesmos. ” (OLSON, 1996, p. 13).

Dessa forma, a escrita é uma forma de representação da linguagem oral; como tal, escrever também diz respeito a um ato de significar, de representar ideias, conceitos e outros por meio de símbolos de origem gráfica e não sonora, assim, a escrita tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala, a leitura é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos neurológicos, naturais, econômicos e políticos.

A leitura é a correspondência entre os sons e os sinais gráficos pela decifração do código e compreensão do conceito ou ideia, uma busca do que o texto pode significar, e da mesma forma que se procura extrair significado da linguagem falada; para que a leitura seja possível, é necessário que compreendamos símbolos (significantes) e aqueles que simbolizam (significados).

Nesse sentido, Cagliari (2003, p.312) nos fala “Ler é decifrar e buscar informações. Já se sabe que o segredo da alfabetização é a leitura. Alfabetizar é, na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é em decorrência desse conhecimento e não o inverso. ”

Emília Ferreiro e Ana Teberosky duas autoras importantes quando se trata de escrita, leitura e alfabetização desenvolveram a Psicogênese da língua escrita, uma teoria que traz importantes contribuições a respeito da aprendizagem e aquisição da escrita, leitura e alfabetização. Porém, vale destacar que a Psicogênese da língua escrita não diagnostica e não tem relação com o diagnóstico da dislexia.

Ferreiro e Teberosky (1986) em *Psicogênese da língua escrita*, trazem como teoria que os aprendizes formulam hipóteses a respeito do código escrito, esse pode percorrer um caminho que pode ser representado nos níveis pré-silábico, silábico, silábico-alfabético, alfabético. Além dos níveis, há também três períodos em que os aprendizes podem se encaixar: 1º o da distinção entre o modo de representação cônica (imagens) ou não icônica (letras, números, sinais); 2º da construção de formas de diferenciação, controle progressivo das variações sobre o eixo qualitativo (variedade de grafias) e o eixo quantitativo (quantidade de grafias). Esses dois períodos configuram a fase pré-linguística ou pré-silábica e o 3º da fonetização da escrita, quando aparecem suas atribuições de sonorização, iniciado pelo período silábico e terminando no alfabético.

Logo, a Psicogênese da língua escrita descreve como o aprendiz se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, mostrando que a aquisição desses atos linguísticos segue um percurso semelhante àquele que a humanidade percorreu até chegar ao sistema alfabético que vimos ao retornar na breve história da escrita, ou seja, os aprendizes, na fase pré-silábica do caminho que percorrem até alfabetizar-se, ignoram que a palavra escrita representa a palavra falada, e desconhecem como essa representação se processa. Dessa forma, ele precisa, então, responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo de construção dessa representação.

Quando se fala em escrita e leitura, um outro debate importante é levantado, as definições dos termos: alfabetização e letramento. Definir alfabetização e letramento é fundamental pois esses, são dois processos distintos, mas que são indissociáveis e interdependentes.

Em seu artigo “Letramento e Escolarização”, Soares (2003b) define Alfabetização,

[...] tomando-se a palavra em seu sentido próprio como o processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico); [...] habilidades de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha, corretivo, régua, de equipamentos como máquina de escrever, computador...), habilidades de escrever ou ler seguindo a direção correta na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita), habilidades de organização

espacial do texto na página, habilidades de manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê - livro, revista, jornal, papel sob diferentes apresentações e tamanhos (folha de bloco, de almanaque, caderno, cartaz, tela do computador...). Em síntese: alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. (SOARES, 2003b, p. 80).

Compreendo que, dessa forma, o processo de alfabetização está mais voltado ao ensino da técnica do ler e escrever.

Mas, por outro lado, temos o Letramento, conceituado por Soares (2003b) da seguinte forma:

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetos, o interlocutor... (SOARES, 2003b, p. 80).

Dessa forma, entendo que o Letramento diz respeito aos usos das competências da leitura e escrita por alguém que já domina o código, que já faz a decodificação dos sinais gráficos.

Portanto, é por esses motivos que esses dois processos não podem ser indissociáveis pois um depende do outro e os dois têm grande importância quando estamos falando sobre escrita e leitura.

## 1.2 As dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita

A conceituação das dificuldades de aprendizagem vem sofrendo ao longo dos anos várias transformações, baseados em estudos, pesquisas e debates que envolvem gestores, psicólogos, pais, professores e psicopedagogos. Esses estudos, pesquisas e debates trazem como centralidade a necessidade de entender o que são as dificuldades de aprendizagem e as suas características e também a importância e necessidade de se evitar rótulos que possam refletir e interferir negativamente nos processos de desenvolvimento das crianças, em especial, no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Copetti (2009), a avaliação das dificuldades que se apresentam nos processos de aprendizagem deve ser realizada por diversos profissionais (médicos, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e pedagogos), evitando rótulos e nomenclaturas que não colaborem com o desenvolvimento das potencialidades das crianças. Várias nomenclaturas são utilizadas para designar os baixos rendimentos escolares dos alunos: distúrbios de aprendizagem, transtornos de aprendizagem e problemas na aprendizagem. E essa variedade gera problemas no diagnóstico e apoio dos alunos, além de muitas rotulações.

Autores como Saravali (2005) enfatizam que na literatura não há um consenso em relação à definição das dificuldades de aprendizagem. Dependendo da orientação, cada autor se inclina para um certo aspecto da etiologia das dificuldades de aprendizagem, que pode ser fisiológico, sociocultural ou institucional.

Mas é em meados da década de 60 que surgem as primeiras conceituações sobre as dificuldades de aprendizagem, entendidas como distúrbios ou transtornos. Ao fim da década de 60 e início da década de 70 a temática começa a ser mais discutida com o surgimento de instituições como a Learning Disabilities Association of América (LDA), que dedicava seus estudos às crianças que por algum motivo não aprendiam, buscando compreender o que eram e são as dificuldades de aprendizagem.

É a partir da década de 80 até os anos 2000 em diante, que movimentos internacionais ganham força com a participação de profissionais de diversas áreas, como: da pedagogia, medicina e psicologia, que ainda ressaltam as dificuldades de aprendizagem enquanto distúrbio,

mas que também sinalizam a existência de dificuldades que podem ter diversas causas de diferentes índoles: social, cultural e escolar. Ou seja, causas que não são intrínsecas ao indivíduo. (ATAÍDES, 2019)

Com relação às dificuldades de aprendizagem Smith e Strick (2001) apontam que são “problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações” (p.14). Nessa perspectiva, as dificuldades de aprendizagem são relacionadas como um problema estritamente neurológico.

Em outra perspectiva, Osti (2012) afirma que

As dificuldades de aprendizagem abrangem vários fatores, uma vez que envolvem a complexidade do ser humano. Acredita-se que podem ser decorrentes de um problema fisiológico, um estresse grande vivido pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, problemas com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de alimentação, falta de material e estímulos, tédio na sala de aula, baixa autoestima, problemas patológicos como TDH (transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade), dislexias, psicopatias, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico e/ou escolar. (OSTI, 2012, p. 47)

Nessa perspectiva, às dificuldades de aprendizagem são associadas além de fatores neurológicos, também fatores psicológicos, ambientais e biológicos de natureza diversa.

Sisto (2016) enfatiza que é a partir da década de 80, que começa a vigorar uma distinção entre dificuldades de aprendizagem que podem ser multicausais e temporárias, manifestando-se em qualquer idade, sem prevalência de aspectos biológicos e/ou neurológicos. Entretanto, as diferentes causas de índole social e cultural ainda não são amplamente discutidas, prevalecendo uma conceituação que envolve três níveis causais ou explicativos: biológico, cognitivo-emocional e comportamental.

De acordo com Sisto (2016), nessa época, e ainda hoje, diversos autores definem as dificuldades de aprendizagem da seguinte forma:

Assim, poder-se-ia definir que o termo dificuldades de aprendizagem engloba um número heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração, e cálculo, em pessoas com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras ou desvantagens culturais. Geralmente não ocorre em todas essas áreas de uma vez só e pode estar relacionada a problemas de comunicação, atenção, memória, raciocínio, coordenação, adaptação social e problemas emocionais. (SISTO, 2016, p. 33)



Na definição que Sisto (2016) ressalta como mais usada, prevalece ainda uma visão das dificuldades de aprendizagem na perspectiva de transtornos que abrangem questões cognitivas ou neurológicas de índole funcional, embora outros aspectos sejam considerados. Essa definição difere da usada por poucos autores como Osti (2012) e Copetti (2009) que entendem o termo dificuldades de aprendizagem de forma mais ampla, em uma perspectiva multicausal e com características diferentes dos transtornos de aprendizagem. Para Copetti (2009), existem inúmeras situações que podem ser classificadas como dificuldades de aprendizagem, e que devem ser diferenciadas dos transtornos de aprendizagem:

Por exemplo, uma criança que sempre foi bem nos estudos começa a apresentar, após a separação dos pais, sintomas depressivos, isolamento social, tristeza, insônia e seu rendimento escolar cai muito. Esta criança **não** possui um **transtorno do aprendizado**, pois sua queda no rendimento é situacional e secundária a um quadro depressivo desencadeado pela separação dos pais. Uma criança pode ir mal nos estudos ao trocar de escola e não se adaptar ao novo ambiente, ou uma classe toda pode ter problemas na alfabetização por inexperiência da nova professora em alfabetizar. Estes são exemplos de **problemas no aprendizado**, em que, corrigindo-se as circunstâncias psicológicas ou ambientais, a criança volta a aprender normalmente. (COPETTI, 2009, p. 23)

Com base nesses últimos autores, entendemos que as dificuldades de aprendizagem podem ser geradas tanto por fatores intrínsecos como por fatores extrínsecos, isto porque a aprendizagem depende de inúmeros aspectos: o processo do ensino, os estímulos que serão oferecidos à criança, o ambiente familiar, e o ambiente escolar dentre outros. O desenvolvimento e a aprendizagem são processos complexos e influenciados pela interrelação desses diversos aspectos.

Como já vimos anteriormente, não há consenso na literatura em relação à definição para as dificuldades de aprendizagem, cada autor segue uma perspectiva. Entretanto, no contexto deste trabalho, adotamos a perspectiva de Copetti (2009), para o qual a dificuldade de aprendizagem é uma condição que acontece quando influências do mundo externo dificultam o processo de aprendizagem, e diversos fatores podem causar essas dificuldades como: questões emocionais, familiares, alimentares e ambientais.

Já os transtornos de aprendizagem são uma condição neurológica que afeta a aprendizagem e o processamento da informação, sendo permanente. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM IV (1994), define como transtornos da aprendizagem situ-

ações em que os resultados do indivíduo em testes padronizados de leitura, matemática ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para sua idade, escolarização e nível de inteligência.

Segundo o DSM IV, o transtorno específico da aprendizagem é um transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das dificuldades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. Sendo que, a origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão.

Uma das características essenciais do transtorno específico da aprendizagem são as dificuldades persistentes para aprender habilidades acadêmicas fundamentais, com início durante os anos de escolarização formal. Ou seja, os transtornos de aprendizagem perturbam o padrão normal de aprendizagem de habilidades acadêmicas em uma área determinada, sendo que o indivíduo tem condições e possibilidades de aprendizagem em outras áreas.

O transtorno de aprendizado é caracterizado por problemas relacionados a distúrbios de ordem interna ou externa do indivíduo, apresentando dificuldades no uso da escrita, leitura, cálculo, raciocínio entre outros, problemas esses que se não acompanhados de forma adequada e em tempo hábil podem gerar danos irreparáveis à criança (CIASCA, 2003).

Essas características dos transtornos de aprendizagem estão ressaltadas no DSM-5 (2014). Nesse último Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, os transtornos específicos da aprendizagem abrangem dificuldades na aprendizagem e no uso de habilidades acadêmicas que se apresentam substancial e quantitativamente abaixo do esperado para a idade cronológica do indivíduo, causando interferência significativa no desempenho acadêmico ou profissional ou nas atividades cotidianas.

Com base nessas considerações, para identificar os transtornos de aprendizagem ou até mesmo uma dificuldade de aprendizagem é importante que haja uma avaliação realizada por uma equipe de profissionais de especialidades diferentes, como médico, neurologista, psicólogo e um neuropsicólogo. Assim, cada especialista irá desempenhar e trabalhar em questões que serão importantes durante essa avaliação, e a partir dessa ampla variação de profissionais em busca do diagnóstico é importante ressaltar que esse diagnóstico deve acontecer após os primeiros anos da fase de escolarização, para que as dificuldades não se confundam com transtornos.

Dessa forma, considerando que as dificuldades e transtornos de aprendizagem são observados no momento do ingresso formal da criança na escola pelos pais e pelos professores,

Copetti (2005) ressalta a importância de que os mesmos conheçam as diferenças entre as dificuldades de aprendizagem e os transtornos de aprendizagem.

Desse modo, dentre os transtornos existentes será apresentado o transtorno específico de aprendizagem na leitura e escrita, a Dislexia.

### 1.3 A dislexia: histórico, possíveis causas e características

Desde que o termo dislexia foi usado pela primeira vez em 1987, há certa dificuldade em defini-lo por parte de investigadores e pesquisadores.

No entanto, a primeira definição do termo ocorreu em 1877 foi proposta a nomenclatura “cegueira verbal” por Adolph Kussmaul, que definia a dislexia como o resultado de uma lesão cerebral e forneceu subsídios para a definição que temos hoje. A “cegueira verbal” era compreendida como uma lesão na circunvolução angular do cérebro, esta é uma zona responsável pela linguagem. Acrescentou-se ainda que uma lesão ocasionada nesta área produziria a agrafia, ou seja, dificuldade em escrever (HENNIGH, 2003).

Contudo o primeiro caso de acordo com HENNIGH (2003), foi o do médico inglês, Dr. Pringle Morgan que pela primeira vez em 1896 diagnosticou uma criança com cegueira verbal. O médico acreditava que a cegueira verbal era de origem neurológica, e não ocasionado por lesão cerebral. A criança com cegueira verbal foi descrita da seguinte maneira “[...] um garoto brilhante e inteligente, rápido nos jogos e de nenhuma maneira inferior aos outros de sua idade. Sua grande dificuldade era aprender a ler” (PRADO, 2010, p.8). Ou seja, uma criança de 14 anos que se expressava muito bem oralmente, mas que, no entanto, apresentava muita dificuldade para ler e escrever.

Em 1887, o Dr. Rudolf Berlin considerou que a dificuldade de leitura poderia decorrer de uma “doença cerebral” e não mais de uma lesão cerebral, a proposta apresentada por ele foi a primeira a reconhecer que a dificuldade dos disléxicos poderia ser causada por outro fator e não somente em casos de traumatismo craniano, isso porque, até aquele momento, a dislexia era entendida como algo obtido após o nascimento (HENNIGH, 2003).

Outra teoria apresentada na tentativa de explicar a dificuldade na leitura foi a do oftalmologista escocês, J. Hinshelwood, este apresenta em seu livro *Cegueira Verbal Congénita* (1917), a ideia de que a dificuldade em leitura poderia ser resultado do subdesenvolvimento da circunvolução angular.

Ao longo dos anos, foram surgindo inúmeras teorias que visavam compreender e explicar as dificuldades de leitura e dentre elas, um importante investigador, chamado Samuel Orton trouxe uma importante contribuição no campo dos estudos sobre a dislexia. Samuel Orton apresentou o termo dislexia específica ou distúrbio específico de leitura, fazendo referência as crianças com dificuldade na aprendizagem da leitura. (MENDONÇA et. Al, 2011).

Outro ponto que merece destaque no campo de investigações de Orton, é que ele “considerava a dislexia uma desordem essencialmente psicológica e via-a como um problema de

caráter desenvolvimental e não inteiramente congênito” (HENNIGH, 2003, p.15). Levando em consideração fatores hereditários e as influências que o ambiente exerce. Além disso:

Orton não via as competências de linguagem das crianças (ler, escrever, falar, ouvir) de forma independente, o que é muito importante. Centrava-se na natureza unitária do sistema de linguagem e frisava que um atraso na aquisição de competências de leitura poderia denotar um atraso no desenvolvimento de todo sistema dedicado à linguagem (Orton, 1937; Richardson, 1989). (HENNIGH, 2003, p.15-16)

Com o surgimento do termo dislexia apareceram várias definições com relação ao termo. Dentre elas, a definição que surgiu em 1995 e foi bastante utilizada, considerou a dislexia como sendo um distúrbio de aprendizagem, no qual surgem dificuldades que não são esperadas para a idade. Essas dificuldades apresentadas incluíam dificuldades com leitura, dificuldades de escrita e de soletração (LYON, 2003 apud EVANS, 2006).

A definição adotada pela Associação Brasileira de Dislexia em 2003 descreve a dislexia como sendo a:

[...] incapacidade específica de aprendizagem de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um déficit fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiências de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais (PINTO, 2012, p.22)

E segundo a IDA - International Dyslexia Association (2002) a Dislexia é um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurológica. Acomete pessoas de todas as origens e nível intelectual e caracteriza-se por dificuldade na precisão (e/ou fluência) no reconhecimento de palavras e baixa capacidade de decodificação e de soletração. Essas dificuldades são resultado de déficit no processamento fonológico, que normalmente está abaixo do esperado em relação a outras habilidades cognitivas. Problemas na compreensão e reduzida experiência de leitura normalmente são as consequências secundárias desse transtorno.

Para Copetti (2005), a dislexia se refere a um transtorno de aprendizagem em leitura que pode se apresentar de duas formas diferentes: como dificuldade na decodificação de palavras e/ou como dificuldade na compreensão do que é lido.

Assim, o transtorno de aprendizado em leitura é “uma dificuldade na decodificação de palavras. Normalmente o que existe é um déficit no aprendizado da associação fonema-grafema e na automatização da leitura. A criança lê de forma lenta e silábica, comete erros, troca, omite ou acrescenta letras ou sílabas. ” (COPETTI, 2005, p. 24). E, por outro lado o autor aborda o

transtorno de aprendizado em compreensão da leitura como um “problema que consiste em compreender o que está sendo lido. A criança pode até ler fluentemente, mas não consegue captar a ideia principal do texto. A compreensão de textos é uma função cerebral mais complexa e superior do que a leitura” (COPETTI 2005, p. 25).

Conforme apresentado anteriormente, há diversas definições acerca do termo dislexia e também existem diferentes teorias sobre sua origem/causa. Mas baseando-se em diversos estudos e escritos, Rodrigues e Ciasca (2016) trazem em seu artigo pesquisas sobre as possíveis causas da dislexia, mesmo que estas causas não estejam completamente claras, pois há estudos com neuroimagem que demonstram que há diferenças no desenvolvimento e funcionamento cerebral de pessoas disléxicas. Também há forte indicativo de componente genético, uma vez que os estudos clínicos indicam que mais de 50% das crianças com dislexia tem pais e/ou irmãos com o mesmo transtorno e assim, a presença de familiares com dislexia aumenta a probabilidade de ocorrência do transtorno.

Copetti (2005) afirma que é importante observar, para o diagnóstico da dislexia, vários fatores. Primeiramente, a criança não deve apresentar nenhuma deficiência intelectual, e em segundo lugar o problema não pode ter como causa fatores que envolvam dificuldades com o método de ensino, doenças de natureza biológica que estejam afetando o aprendizado, ou problemas familiares.

Para Copetti (2005), a dislexia pode apresentar alguns dos sintomas citados a seguir no Quadro 1:

Quadro 1 - Sintomas de Dislexia

Idade: 6 a 7 anos	Idade: acima de 7 anos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vocabulário reduzido;</li> <li>• Reclama que ler é muito difícil e se recusa a ler;</li> <li>• Dificuldade em ler palavras comuns, mas escritas de forma menos comum, por exemplo: chão, água, sonho;</li> <li>• Falha em ler palavras comuns de uma sílaba.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pronuncia errado palavras longas ou complicadas, por exemplo: “chalchicha” por salsicha;</li> <li>• Não adquire fluência na leitura;</li> <li>• Dificuldade em completar os temas ou terminar as tarefas a tempo;</li> <li>• Dificuldade em ler palavras pequenas de ligação, como: e, em, que.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Copetti (2005, p. 29)

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 a dislexia está inserida dentro de uma categoria mais ampla, denominada de “Transtornos do Neurodesenvolvimento”, sendo referida como “Transtorno Específico de Aprendizagem”. Segundo o manual, o seu diagnóstico requer a identificação de pelo menos um dos seguintes sintomas:

1. Leitura de palavras é feita de forma imprecisa ou lenta, demandando muito esforço. A criança pode, por exemplo, ler palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta (ou lenta e hesitante); frequentemente, tenta adivinhar as palavras e tem dificuldade para soletrá-las;

2. Dificuldade para compreender o senti do que é lido. Pode realizar leitura com precisão, porém não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido;

3. Dificuldade na ortografia, sendo identificado, por exemplo, adição, omissão ou substituição de vogais e/ou consoantes;

4. Dificuldade com a expressão escrita, podendo ser identificados múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprego ou organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza.

Entretanto, é preciso deixar claro que a simples presença de um ou mais sintomas não significa que a criança tenha dislexia.

Além disso, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5, considera que, além dos sintomas mencionados, se deve levar em consideração os seguintes critérios:

1. Persistência da dificuldade por pelo menos 6 meses (apesar de intervenção rígida);
2. Habilidades acadêmicas substancial e qualitativamente abaixo do esperado para a idade cronológica (confirmado por testes individuais e avaliação clínica abrangente);
3. As dificuldades iniciam-se durante os anos escolares, mas podem não se manifestar completamente até que as exigências acadêmicas excedam a capacidade limitada do indivíduo, como, por exemplo: baixo desempenho em testes cronometrados; leitura ou escrita de textos complexos ou mais longos e com prazo curto.

Porém, além de se atentar a esses pontos é importante também se atentar outros aspectos que costumam afetar crianças com dislexia, dentre os quais merecem ser mencionados: comprometimento da linguagem, sintomas de desatenção, dificuldade de coordenação motora, prejuízo das funções executivas e comorbidades psiquiátricas.

E segundo, a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) (2002) segue as seguintes manifestações da dislexia

- a) um atraso na aquisição das competências de leitura e escrita; b) confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças de grafia (a-o; c-o; f-t, h-n, m-n; v-u;...); confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço (b-d, d-p; d-q; n-u; a-e...); inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras (me- em: sal, la; ...); c) substituição de palavras por outras de estrutura similar, por com significado diferente (saltou-salvou;...); d) adição ou omissão de sons, sílabas ou palavras (famosa-fama; casaco- casa;...); e) leitura silábica, com bastantes correções; f) problemas de compreensão semântica; g) elegibilidade da escrita, letra raturada, presença de muitos erros ortográficos e redação de ideias desordenadas e sem nexos. (ABD, 2002 apud PRADO, 2010, p.14 e 15).

A dislexia ainda pode ser classificada, há autores que classificam a dislexia em três tipos: a disfonética, disidética e a mista. A primeira é caracterizada pela dificuldade de ler palavras desconhecidas, a criança tenta adivinhar o que está escrito, comete erros na leitura e na escrita do tipo; inversões, omissões e aglomerações de fonemas ou sílabas. Na segunda a leitura é realizada de forma lenta, com decomposição das palavras, os erros mais comuns da escrita são; inversões e falhas na acentuação. A dislexia mista é caracterizada por apresentar associações das duas anteriores, com diferentes combinações e intensidades. (CARVALHAIS; SILVA, 2007).

Com relação ao diagnóstico da dislexia, é necessário um diagnóstico multidisciplinar conforme explica Rotta, pois

Embora o diagnóstico da dislexia seja clínico neurológico, psicopedagógico e fonoaudiológico, muitas vezes é necessário lançar mão de exames complementares para, como o nome diz, complementar informações ou observar comorbidades. Entre esses exames estão os estudos neurofisiológicos como eletroencefalograma; potenciais evocados de longa latência auditivos e visuais; e testes psicológicos que contemplem os aspectos cognitivos e afetivos. (ROTTA, 2006, p.162)



E conforme a ABD (Associação Brasileira de Dislexia), o diagnóstico é feito por exclusão. Inicialmente, são descartados fatores como déficit intelectual, lesões cerebrais e desordens afetivas anteriores ao processo de fracasso escolar. Devido à sua complexidade, a avaliação e o diagnóstico da dislexia são realizados por uma equipe multidisciplinar composta por fonoaudiólogo, psicólogo, psicopedagogo e neurologista. É com a avaliação que irá ser determinado o nível funcional da leitura do paciente, a extensão de sua dificuldade e as suas potencialidades.

Há também possibilidades de intervenção, das quais serão abordadas: o trabalho do fonoaudiólogo, o trabalho do psicopedagogo, o trabalho do professor e o apoio da família.

Segundo Zaboroski e Oliveira

[...] o fonoaudiólogo deve auxiliar com ações educativas que integrem a equipe pedagógica da escola, com atuações que possibilitem a troca de conhecimentos entre os profissionais que atuam no local e ofereçam subsídios para o aproveitamento próprio do potencial infantil, gerando condições essenciais que propiciem o desenvolvimento harmonioso da criança.[...] As ações educativas e informativas realizadas pelo fonoaudiólogo que atua no ambiente escolar têm contribuído com essas questões por meio de discussões em grupos, oficinas, orientações aos familiares, dentre outras atividades. (2013, p. 163)

Assim, o trabalho do fonoaudiólogo deve se atrelar com o trabalho do professor e da equipe pedagógica da escola, visando que haja uma integração e troca de conhecimentos para que haja uma melhora do desempenho da pessoa com diagnóstico de dislexia, sobretudo com relação à consciência fonológica.

Sabemos que a ludicidade durante os anos de escolarização é extremamente importante e indispensável no que tange ao aprendizado, nos anos de alfabetização a ludicidade se torna uma ferramenta essencial pois o aprendizado pode ocorrer através de brincadeiras, com isso, o papel do psicopedagogo nesse processo de intervenção dos disléxicos se torna necessário. Pois o psicopedagogo “poderá trabalhar com jogos pedagógicos, como dominó de figuras e palavras, jogo da memória também de palavras e figuras ou qualquer jogo pedagógico que seja divertido e estimulante”. (SAMPAIO, 2014, p.61).

Em relação ao professor, segundo Sampaio

[...]. Quando o professor recebe o diagnóstico do aluno com dislexia, é preciso que ele se organize para tomar algumas providências diferenciadas em relação ao processo ensino-aprendizagem. É necessário que ele tenha consciência de que seu aluno é inteligente, que seu cognitivo está preservado, mas que a dificuldade na leitura

afeta toda sua aprendizagem e que, se isto não for bem compreendido, acarretará possível rejeição, e o vínculo com a aprendizagem será negativo. (2014, p.54)

O papel do professor é de extrema importância para o sucesso no processo de aprendizagem de seu aluno com diagnóstico de dislexia, uma vez que cabe a ele, propor diferentes estratégias de ensino para que esse aluno aprenda e para que ele não acabe se desmotivando e perdendo o interesse por aprender.

Sendo assim, Sampaio (2014, p. 58) sugere que o professor adote alguns procedimentos em sala de aula:

- Método multissensorial para trabalhar as trocas visuais, unindo as modalidades auditiva, visual, cinestésica e tátil;
- Substituição do método global pelo método fônico;
- Introdução de cada letra com ênfase na relação entre nome e som (método fônico e método das boquinhas);
- Maior tempo para copiar do quadro (agenda, caderno);
- Trabalhar canções com rimas;
- Exercícios envolvendo figuras para que se identifiquem os fonemas, as rimas, as aliterações;
- Evitar pedir que leia em voz alta;
- Proporcionar avaliações diferenciadas com textos curtos e intercalados com as perguntas que deverão ser mais diretas;
- Dar mais tempo para a realização de atividades e avaliações.

Assim, é importante que o professor busque diversificar os métodos, as formas de ensinar, as ferramentas e recursos pedagógicos e as atividades para que o aluno com dislexia possa ter um melhor aproveitamento em sala de aula e também se sinta acolhido e motivado ao aprendizado.

Para que o professor consiga realizar esse trabalho, é importante destacar que a inclusão da criança com dislexia depende de um trabalho conjunto da escola como um todo, oferecendo suporte e auxílio tanto à criança como ao professor, para que se possa trabalhar de forma diferenciada com o aluno, possibilitando melhores condições no aprender. O professor necessita de todo da direção e coordenação, pois é necessário que toda a equipe pedagógica esteja empenhada, motivada e disposta a ajudar o professor nessa tarefa.

A família é um elemento chave e parceiro no trabalho com o indivíduo com dislexia. É ela que tem condições de oferecer apoio constante, de reconhecer o potencial de seu filho ou

filha e de encoraja-los a superação de dificuldade. Outro ponto que merece atenção, é o apoio que o aluno com dislexia necessita ter em casa, principalmente com relação a realização as tarefas de casa.

Nesse sentido, Sampaio traz

[...] outra dificuldade que o dislético enfrenta é estudar em casa e fazer as atividades sozinho. Como sua dificuldade em ler é grande, realizar a leitura de textos longos é cansativo e pouco produtivo. O ideal é que tenha alguém para ler o texto para ele, seja pai, mãe ou qualquer outra pessoa que possa fazer este papel de leitor. O dislético irá compreender tudo que se lê para ele, assimilando melhor e lembrando no momento da avaliação. Não se deve, é claro, deixar de estimular sua leitura, com livros cujo tema seja de seu interesse. (2014, p. 56)

Assim, se faz importante que a parceria entre professores, equipes pedagógicas de escolas, pais e ou familiares, psicopedagogos, fonoaudiólogos e entre outros aconteça, de forma a garantir que o aprendizado de indivíduos disléxicos aconteça. Esse trabalho coletivo dos diferentes profissionais juntamente com a família, certamente ajudará a criança desenvolver seu processo de leitura e escrita com mais facilidade e maior consciência fonológica.

Conforme apresentado, foi possível entender e aprender sobre a dislexia, todo o seu histórico, as possíveis causas, as características e/ou sintomas, classificação e também o diagnóstico e as possibilidades de intervenções.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Tipo de Pesquisa ou Considerações metodológicas

A pesquisa científica está presente em todo campo da ciência, ela é um processo de investigação para solucionar, responder ou aprofundar sobre uma indagação no estudo de um fenômeno. Segundo Bastos e Keller (1995, p. 53) a pesquisa científica fica definida como: “A pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”.

A pesquisa científica se apresenta em várias modalidades, sendo uma delas a pesquisa bibliográfica. Sendo assim, o presente trabalho abrange uma pesquisa bibliográfica visando o aprimoramento e atualização do conhecimento através de uma investigação científica de obras que já foram publicadas.

A pesquisa bibliográfica se caracteriza como uma fonte importante de informações, contribuindo para a construção do saber, como a atividade intelectual e o conhecimento cultural. Ocupando lugar de destaque entre as demais, ela é um conjunto de conhecimentos das mais variadas obras, que proporciona ao leitor ferramentas para a elaboração de pesquisas futuras (FACHIN, 2006).

É um estudo sistematizado, desenvolvido a partir de tudo aquilo que foi escrito, gravado ou filmado sobre determinado tema, assunto ou área do conhecimento. O material bibliográfico é reunido em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, ou seja, material de acesso ao público em geral. A pesquisa bibliográfica tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com a informação sobre determinado objeto de estudo (KNECHTEL, 2014).

A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Assim, durante a realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador deve ler, refletir e escrever sobre tudo que estudou e analisou para que assim, consiga reconstruir as teorias e de certa forma, aprimorar os fundamentos teóricos. Desta forma para Lakatos e Marconi (2003, p.

183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

## 2.2 Procedimentos para levantamento de dados

Para o levantamento de dados realizou-se uma análise bibliográfica utilizando a base de dados Scientific Electronic Library Online – Scielo, a busca utilizou como descritores os termos ‘dislexia’, ‘transtorno de leitura’ e ‘dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita’.

Optou-se por limitar o intervalo de tempo de publicações nos últimos cinco anos, realizando busca entre os anos 2015-2020 por considerar esse período uma fase mais recente e atual. Além disso, o recorte de local de realização da produção acadêmica se limitou ao Brasil e as produções no idioma português, como estratégia de busca foram realizados os recortes do tema: avaliação, diagnóstico e intervenção.

## 2.3 Procedimentos de sistematização e análise das informações

Com base nos objetivos pautados, as informações foram analisadas em dois momentos diferentes. No primeiro momento, foi realizada uma análise das informações gerais dos artigos achados no intuito de traçar um perfil das publicações acadêmicas brasileiras sobre o tema da dislexia entre 2015 e 2020. Para o levantamento do perfil foram considerados os seguintes dados: ano de publicação, tipo de artigo (artigo teórico, resenha, artigo de pesquisa, revisão da literatura ou pesquisa bibliográfica), área da publicação, e tema central.

No segundo momento foram selecionadas as produções que abordaram aspectos relativos ao diagnóstico e intervenção diante da dislexia. Esses artigos foram alvo de uma análise temática a partir de duas categorias de análise construídas com base nos objetivos do estudo. As categorias de análise específicas foram: pontos relevantes sobre o diagnóstico da dislexia e pontos relevantes sobre a intervenção nos casos de dislexia.

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 Apresentação do perfil traçado

Inicialmente, foi encontrado um total de 49 artigos usando os descritores a seguir: ‘dislexia’ um total de 27 artigos, ‘transtorno de leitura’ 12 artigos e ‘dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita’ 10 artigos. Dos 49 artigos encontrados inicialmente, foram descartados 17 artigos e selecionados 32. Os 17 artigos descartados não abrangiam de fato o tema da pesquisa e não estavam relacionados ao tema dessa pesquisa e foram publicados em uma língua estrangeira.

Os artigos selecionados foram numerados aleatoriamente e analisados a partir dos seguintes pontos: título de pesquisa, ano de publicação, tipo de artigo, área de publicação e tema central.

Desses 32 artigos, apenas dois (2) são estudos de caso envolvendo um estudo aprofundado de um (1) caso específico de dislexia. A maioria dos outros artigos analisados (20) são pesquisas mais amplas envolvendo vários participantes.

Dos 32 artigos, alguns englobam duas áreas do conhecimento ou mais e outros englobam apenas uma área do conhecimento, prevalecendo a Fonoaudiologia em 13 desses 32 artigos, 10 artigos são da área da Educação e os outros 9 são de outras áreas do conhecimento: Saúde, Psicologia, Neuropsicologia, Neurociência, Filosofia e Tecnologia da Informação.

No Quadro 2 será apresentado de forma mais detalhada o perfil traçado dos artigos selecionados e analisados.

Quadro 2 – Perfil traçado dos artigos selecionados e analisados

<b>Título do Artigo</b>	<b>Ano de Publicação</b>	<b>Tipo de Artigo</b>	<b>Área da Publicação</b>	<b>Tema Central</b>
1. Programa de remediação com a nomeação rápida e leitura para escolares com dislexia: elaboração e significância clínica	2020	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia	Proposta de intervenção para escolares com dislexia.

2. Remediação fonológica em escolares com TDAH e dislexia	2020	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia	Aplicação de um programa de remediação fonológica.
3. Compreensão de leitura em disléxicos após programa de intervenção	2020	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia	Verificação dos efeitos de um programa de intervenção na compreensão de leitura de escolares com diagnóstico de dislexia.
4. De diagnósticos e prognósticos: laudos na configuração de muitas experiências de escolarização	2019	revisão da literatura	Educação	Análise dos laudos médicos na patologização escolar.
5. Leitura de Estudantes com Dislexia do Desenvolvimento: Impactos de uma Intervenção com Método Fônico Associado à Estimulação de Funções Executivas	2019	artigo de pesquisa	Educação	Verificação dos impactos de uma intervenção envolvendo o método fônico associado à estimulação das funções executivas no desempenho de um grupo de estudantes do ensino fundamental.
6. O diagnóstico como “passaporte” para reconhecimento e significação das experiências na dislexia	2019	artigo de pesquisa	Saúde	Análise das implicações do diagnóstico de dislexia na produção de sentidos sobre experiências relacionadas a esta condição.
7. Programa fonoaudiólogo em compreensão leitora e ortografia: efeitos na ortografia em disléxicos	2018	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia	Verificação dos efeitos de um programa fonológico na compreensão leitora e ortografia em escolares com dislexia.
8. Estilos intelectuais e estratégias de aprendizagem: percepção de professores do ensino fundamental	2017	artigo de pesquisa	Psicologia	Percepções de professores acerca dos estilos intelectuais e das estratégias de aprendizagem em alunos do Ensino Fundamental

				com diagnóstico de Dislexia e TDAH e sem dificuldade escolar.
9. Funções Executivas na Dislexia do Desenvolvimento: Revendo Evidências de Pesquisas	2017	revisão de literatura	Psicologia Educação	Revisão sistemática de literatura a fim de analisar produções científicas que abordam as funções executivas (FE) e a dislexia.
10. As capacidades de linguagem de um aluno "dislético" aprendiz de inglês	2017	estudo de caso	Educação	Estudo de caso de um aluno com dislexia que frequentava aulas de inglês mostrando suas capacidades e desconstruindo o seu laudo de dislético severo.
11. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) aplicadas à dislexia: revisão de literatura	2017	revisão de literatura	Tecnologia da Informação e Comunicação	Apresentar uma revisão da literatura, contemplando artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais que abordam o uso das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), realidade virtual e ambiente virtual de aprendizagem, aplicadas à dislexia.
12. Interferência do transtorno fonológico na leitura de itens com diferentes características psicolinguísticas	2017	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia	Descrever perfis de desempenho de escolares com diagnóstico de Transtorno de Leitura (TL) e de escolares com Transtorno de Leitura associado a Transtorno Fonológico (TF).
13. Instrumentos de avaliação de leitura em adultos: um estudo psicométrico	2016	artigo de pesquisa	Psicologia	Investigar as propriedades psicométricas de um teste de desempenho para avaliação de reconheci-



				mento de palavras e de um checklist de autorrelato de dificuldades de leitura/indicadores de dislexia, em uma amostra de adultos.
14. Aplicabilidade do Mismatch Negativity na população infantil: revisão sistemática de literatura	2017	revisão de literatura	Saúde	Verificar a aplicabilidade do Mismatch Negativity (MNN) na população infantil - MNN é um potencial eletrofisiológico que mede a habilidade do cérebro em discriminar sons, independente da capacidade atencional e comportamental.
15. Produção do conhecimento: bases genéticas, bioquímicas e imunológicas da síndrome de Meares-Irlen	2016	revisão de literatura	Saúde	Revisão da literatura que teve como objetivo analisar a produção científica em relação às bases bioquímicas, genéticas e imunológicas que podem estar compreendidas na Síndrome de Meares-Irlen. A Síndrome de Meares – Irlen pode ser definida como um distúrbio visual perceptivo que origina deficiências de processamento visual identificadas em pessoas com dislexia.
16. Marcadores sintáticos no relato oral de escolares disléxicos	2015	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia	Caracterização de marcadores sintáticos na expressão oral de escolares com dislexia em tarefa de relato oral da leitura de textos.

17. Perfil de linguagem e funções cognitivas em crianças com dislexia falantes do Português Brasileiro	2015	artigo de pesquisa	Neuropsicologia	Verificação do perfil de linguagem e de habilidades cognitivas de crianças com dislexia, contribuindo para o diagnóstico desse quadro em leitores de uma ortografia regular, como o português brasileiro.
18. Teorias da Dislexia: Sustentação com Base nas Alterações Perceptuais Auditivas	2016	revisão de literatura	Educação Fonoaudiologia	Análise de teorias contemporâneas da dislexia, com base nos achados sobre as alterações no processamento auditivo e na percepção de fala em pessoas com dislexia.
19. Concepção de professores do ensino fundamental sobre a dislexia do desenvolvimento	2016	artigo de pesquisa	Educação	Caracterização do nível de informação sobre a dislexia de 27 professores de língua portuguesa da 5ª à 8ª série do ensino fundamental
20. Desempenho ortográfico de escolares com dislexia do desenvolvimento e com dislexia do desenvolvimento associado ao transtorno do déficit de atenção e hiperatividade	2016	artigo de pesquisa	Saúde Educação	Análise e classificação do desempenho ortográfico, de acordo com a semiologia dos erros, de crianças com dislexia do desenvolvimento e com dislexia do desenvolvimento e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade em relação a um grupo de crianças sem queixas de aprendizagem escolar.

21. Aplicabilidade do mismatch negativity em crianças e adolescentes: uma revisão descritiva	2016	revisão de literatura	Fonoaudiologia	Revisão de literatura que visa a aplicabilidade do Mismatch Negativity em crianças e adolescentes.
22. Criatividade em indivíduos com transtornos e dificuldades de aprendizagem: revisão de pesquisas	2015	revisão de literatura	Psicologia	Identificar as produções científicas nacionais e internacionais que tiveram como foco a investigação da relação entre criatividade e dificuldades/transtornos de aprendizagem.
23. Teste para Identificação de Sinais de Dislexia: processo de construção	2015	artigo de pesquisa	Saúde Neuropsicologia	Apresentação dos processos de construção de um teste de triagem para avaliar sinais de dislexia.
24. Desempenho criativo e suas relações com diferentes medidas de inteligência em crianças com dislexia do desenvolvimento: um estudo exploratório	2015	artigo de pesquisa	Psicologia	Verificação do desempenho criativo e suas relações com diferentes medidas de inteligência em uma população de crianças com Dislexia do Desenvolvimento.
25. Fatores na infância e adolescência que podem influenciar o processamento auditivo: revisão sistemática	2015	revisão de literatura	Saúde	Análise de fatores ocorridos na infância e adolescência que podem influenciar no processamento auditivo, não necessariamente sendo a causa ou consequência do distúrbio.
26. Eficácia de um programa de intervenção fonológica em escolares de risco para a dislexia	2015	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia	Verificação da eficácia de um programa de intervenção fonológica em escolares de risco para a dislexia.

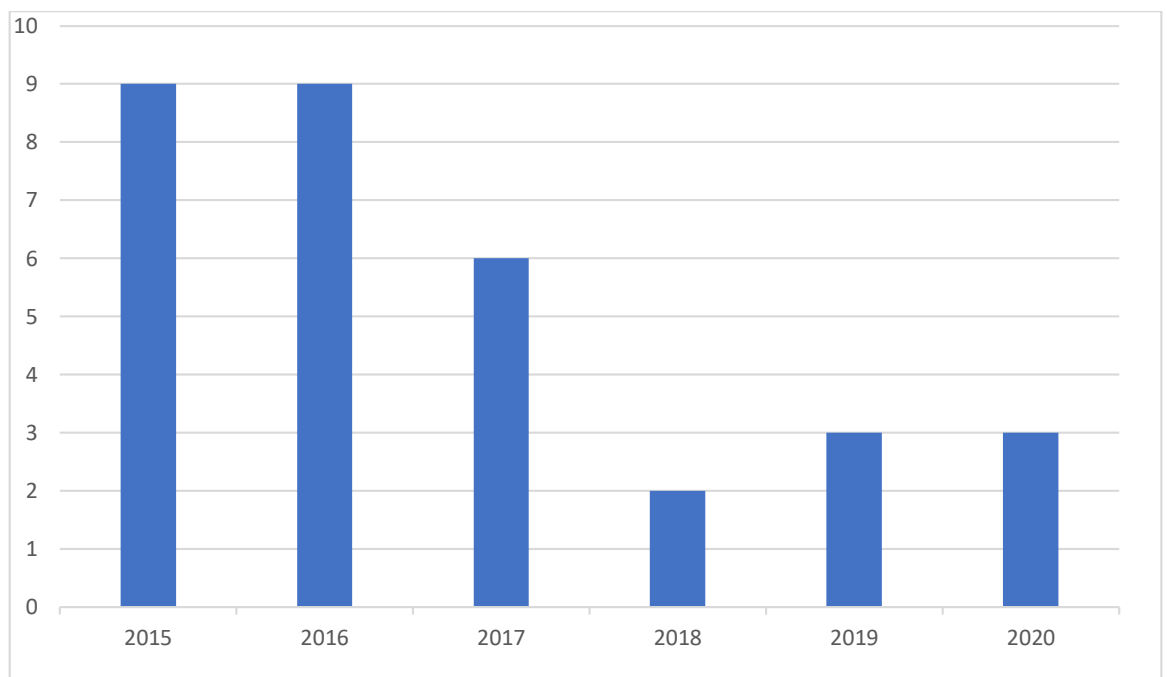
27. Grupo para sujeitos com queixas de dificuldades de leitura e escrita: aspectos teórico-metodológicos	2015	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia	Apresentação, em conformidade à teoria enunciativo-discursiva, dos pressupostos teórico-metodológicos que sustentam a terapia fonoaudiológica em grupo voltada ao desenvolvimento de competências em linguagem escrita e analisar sua eficácia.
28. Dislexia: uma análise histórica e social	2015	estudo de caso	Saúde Educação Fonoaudiologia	Apresentação de um estudo de caso de uma criança encaminhada para avaliação clínica por suspeita de dislexia.
29. Principais alterações encontradas nas narrativas escritas de crianças com dificuldades em leitura/escrita	2016	artigo de pesquisa	Saúde Educação Filosofia	Análise das produções escritas de crianças com dificuldades em leitura/escrita.
30. Autopercepção das dificuldades de aprendizagem de estudantes do ensino fundamental	2016	artigo de pesquisa	Saúde Educação Fonoaudiologia	Verificação da autopercepção das dificuldades de leitura e escrita de estudantes do ensino fundamental.
31. Compreensão oral e leitora e consciência sintática nas alterações de leitura e escrita	2016	artigo de pesquisa	Fonoaudiologia Saúde	Investigação da presença de déficits de habilidades metassintáticas em escolares com dificuldades de aprendizagem e análise das possíveis correlações entre essas habilidades e as de leitura e a compreensão oral.

32. Linguagem, Cognição e Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Cognitiva e das Neurociências	2018	artigo teórico	Psicologia Neurociência	Discussões das contribuições voltadas para o entendimento dos processos cognitivos e mecanismos cerebrais presentes na aprendizagem da leitura e da escrita em sistemas alfabéticos, como é o caso do português brasileiro.
--	------	----------------	----------------------------	---

Fonte: Autoria própria

Analisando o ano de publicação dos 32 artigos, é possível observar uma diminuição do número de publicações sobre a dislexia, sendo encontrados em 2018 somente dois (2) artigos conforme consta na Figura 1. Essa diminuição na produção acadêmica relacionada ao tema da dislexia já foi apontada por autores como Nogueira (2014), que traçou o perfil das pesquisas relacionadas à dislexia entre 2009 e 2013.

**Figura 1:** Distribuição dos artigos analisados por ano de publicação

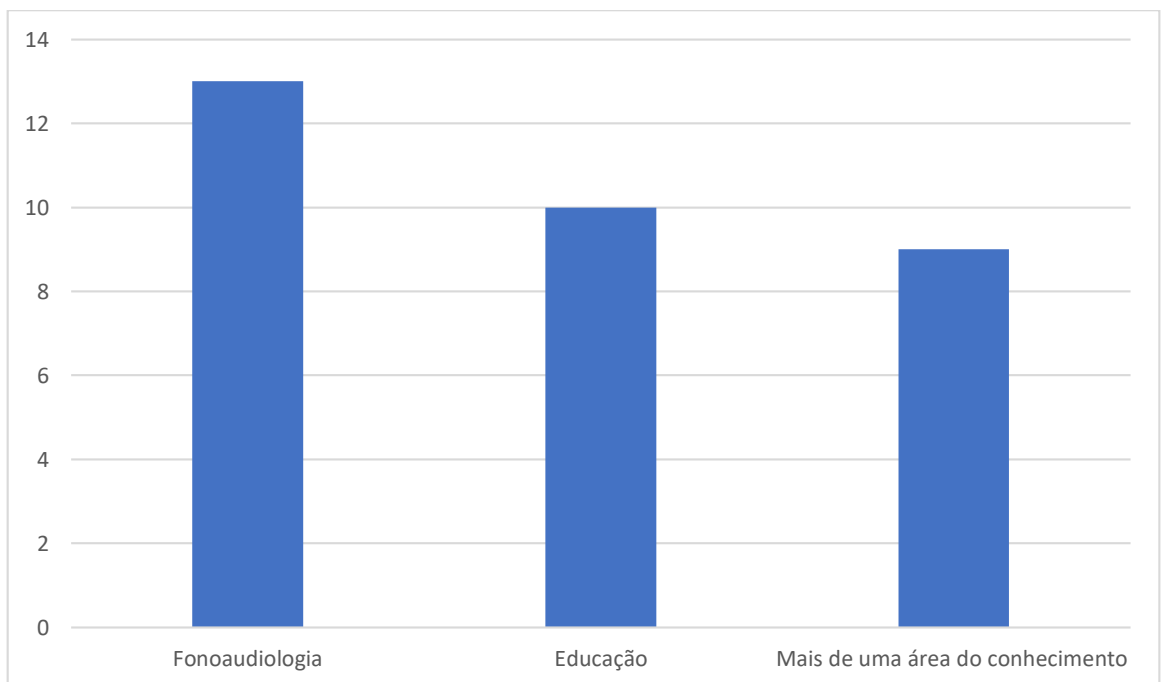


Fonte: Autoria própria

Analisando os dados da área do conhecimento das publicações à luz da revisão de Nogueira (2014), também é importante sinalizar que a área da Fonoaudiologia continua sendo a área do conhecimento que mais pesquisa e publica sobre o tema. Como colocado no início do

capítulo dos Resultados, foram encontrados 13 artigos dessa área. Na revisão realizada por Nogueira (2014) foram analisados 40 artigos (45% dos artigos analisados pela autora) da área da Fonoaudiologia, publicados entre 2009 e 2013. Entretanto, é importante observar que houve um aumento no interesse pelo tema na área da Educação. Na revisão de Nogueira (2014) somente foram incluídas duas (2) publicações da área, sendo que a autora apontou a necessidade de mais pesquisas e discussões sobre o tema na área educacional de maneira geral e na escola de forma mais contextualizada e específica. Na presente revisão, foram incluídos 10 artigos da área da Educação, sendo que seis (6) fazem interface com outras áreas do conhecimento: Psicologia, Fonoaudiologia, Saúde e Filosofia. Conforme apontado por Nogueira (2014), observa-se que o tema desperta a atenção e interesse de diversas áreas do conhecimento que tentam se aproximar do tema a partir de suas especificidades e de forma interdisciplinar. Dos 32 artigos analisados, nove (9) são publicações de mais de uma área do conhecimento.

**Figura 2:** Distribuição dos artigos analisados por área de conhecimento



Fonte: Autoria própria

Sobre o tipo de artigo, é importante dizer novamente que 20 dos 32 artigos analisados (62,5%) são artigos de pesquisa e dois (2) são estudos de caso que se debruçam de forma mais detalhada sobre as características da dislexia apresentada por alunos do ensino fundamental.

Os estudos de caso ainda são escassos apesar de sua importância para aprofundar o conhecimento sobre o tema e oferecer subsídios para novas investigações.

No Quadro 2 “Perfil traçado dos artigos selecionados e analisados”, observa-se uma diversidade de temas de acordo com a área de conhecimento. No caso específico da área educativa, parece haver um interesse pela caracterização das dificuldades e potencialidades dos alunos com diagnóstico de dislexia, assim como pelo possível impacto de diversas intervenções no desempenho dos estudantes. Não é possível deixar de sinalizar que um (1) dos artigos analisados aborda os possíveis impactos dos laudos médicos nas experiências de escolarização e na patologização escolar.

### 3.2 Apresentação da análise temática

Foram selecionados para a análise temática sete (7) artigos, pois eles traziam pontos relevantes sobre o diagnóstico da dislexia e também pontos relevantes sobre a intervenção nos casos de dislexia, nesse segundo momento, artigos que não abordavam esses pontos relevantes foram desconsiderados. A seguir, o Quadro 2 apresentando o detalhamento das categorias de análise.

Quadro 3 - Pontos relevantes sobre o diagnóstico e intervenção nos casos de dislexia

<b>Título do Artigo</b>	<b>Pontos Relevantes Sobre o Diagnóstico da Dislexia</b>	<b>Pontos Relevantes Sobre a Intervenção nos Casos de Dislexia.</b>
1. Compreensão de leitura em disléxicos após programa de intervenção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ressalta que a Dislexia é um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica.</li> <li>- Destaca que a Dislexia pode resultar em problemas na compreensão de leitura e experiência reduzida com a escrita, o que pode impedir o</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Existem diversos instrumentos voltados à avaliação e à intervenção da compreensão de leitura em sujeitos típicos e/ou com dificuldades de leitura e escrita.</li> <li>- O artigo utilizou dois instrumentos, a Técnica de</li> </ul>

	aumento do vocabulário e o conhecimento geral.	Cloze e Respostas a Perguntas de Compreensão Textual.
2. Leitura de Estudantes com Dislexia do Desenvolvimento: Impactos de uma Intervenção com Método Fônico Associado à Estimulação de Funções Executivas	- Ressalta a Dislexia com base neurobiológica.	- Traz a importância da estimulação da consciência fonológica, nas intervenções para o ensino da leitura para pessoas com dislexia.
3. O diagnóstico como “passaporte” para reconhecimento e significação das experiências na dislexia	- Ressalta a importância de um diagnóstico diferencial. - Traz o diagnóstico como estruturante e determinante na vida do sujeito, pois demarca a linha divisória entre o normal e o anormal. - Ressalta as dificuldades no acesso ao diagnóstico, em especial, as famílias mais carentes e do interior.	- O processo de intervenção da dislexia por se apresentar como especificidade o fato de ser persistente, necessitar de intervenções terapêuticas de longa duração e mobilizar a atuação de equipes multiprofissionais - Especifica que é através dos diagnósticos que se é possível traçar possibilidades de intervenção.
4. Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) aplicadas	- Ressalta a importância de um diagnóstico medido por testes padronizados, que	- Ressalta que as propostas de intervenção que envolvem o uso de computadores



<p>à dislexia: revisão de literatura</p>	<p>mostre que pessoas com dislexia se encontram abaixo do nível esperado, considerando a idade cronológica, o coeficiente intelectual (QI) e o nível escolar próprios da idade do indivíduo.</p>	<p>propiciam aumento nos níveis de leitura e de soletração de crianças com dislexia.</p> <p>- Destacou-se também que a utilização das TIC pode ser útil na intervenção precoce de crianças com características de risco para problemas de aprendizagem.</p> <p>- Sinaliza que a utilização de ferramentas tecnológicas abre novas possibilidades para estimular o desenvolvimento das habilidades de leitura em crianças.</p>
<p>5. Perfil de linguagem e funções cognitivas em crianças com dislexia falantes do Português Brasileiro</p>	<p>- Conclui que tarefas de vocabulário e de habilidades fonológicas de baixa demanda (discriminação de fonemas) não foram relevantes para determinar o diagnóstico da dislexia. Mas que tarefas de maior complexidade e que envolvem desde as unidades mais básicas até as mais complexas da leitura e da escrita (letras, palavras e pseudopalavras, textos) são indispensáveis para o diagnóstico da dislexia.</p>	<p>- Ressalta que uma boa intervenção deve ser composta por uma bateria de testes e tarefas.</p>

<p>6. Teste para Identificação de Sinais de Dislexia: processo de construção</p>	<p>- Enfatiza que as diretrizes diagnósticas para a dislexia são: rendimento inferior em precisão, velocidade e compreensão leitora, medido por testes padronizados, em relação ao esperado para a idade cronológica e inteligência; leitura/escrita caracterizada por erros, principalmente de origem fonológica; além disso, pode ser observado desenvolvimento tardio da linguagem oral.</p> <p>- Ênfase nos processos de construção de um instrumento de triagem para avaliar sinais de dislexia, denominado Teste para Identificação de Sinais de Dislexia (TISD). O instrumento foi proposto no intuito de favorecer o encaminhamento para uma avaliação mais completa de crianças com risco para dislexia, não proporcionando por si só o diagnóstico do transtorno.</p>	<p>- Traz como instrumento de diagnóstico e também de intervenção o (TISD) Teste de Identificação de Sinais de Dislexia.</p>
<p>7. Eficácia de um programa de intervenção fonológica</p>	<p>- Ressalta que quanto antes for diagnosticada e identificada mais cedo as pessoas com dislexia serão inseridas</p>	<p>- Ênfase na intervenção com base fonológica, por meio da intervenção com o uso de atividades que envolvem a</p>

lógica em escolares de risco para a dislexia	no contexto da intervenção para minimizar as características do quadro e sua interferência no aprendizado da leitura e da escrita e realmente confirmar ou não o quadro da dislexia.	consciência fonológica, entre elas destacam-se a percepção sonora (rima e aliteração) e a manipulação de segmentos da fala (segmentação, análise e síntese fonêmica), além da relação letra/som propriamente dita.  - Ressalta que a intervenção precoce se propõe a oferecer subsídios para verificar se, após a realização de programas específicos, envolvendo a estimulação das habilidades cognitivo-linguísticas, que se encontram alteradas ou em defasagem, os escolares apresentam ou não melhora no aprendizado da leitura.
--	--	---

Fonte: Autoria própria

Dos sete (7) artigos selecionados, três (3) foram publicados em 2015, um (1) em 2017, dois (2) em 2019 e um é bem atual e foi publicado em 2020. Dos sete (7) artigos apenas um (1) é revisão de literatura, os outros seis (6) são artigos de pesquisa, todos envolveram participantes que estavam no ensino fundamental.

De maneira geral, observou-se que os aspectos relevantes sobre o diagnóstico e a intervenção apresentados nos artigos analisados no segundo momento da revisão estão em consonância com os critérios dos manuais diagnósticos e com as ideias de vários autores que são referência para o estudo do tema. Tanto o DSM – IV (1994) quanto o DSM – 5 (2014) classificam a dislexia como um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica que tem entre seus critérios diagnósticos o fato da pessoa apresentar desempenho na leitura abaixo do nível esperado, considerando a idade cronológica, o coeficiente intelectual (QI) e o nível

escolar próprios para sua idade. Esses manuais diagnósticos também enfatizam a importância de um diagnóstico diferencial.

Outra questão fundamental é a necessidade de usar instrumentos padronizados no diagnóstico, que deve ser realizado por uma equipe interdisciplinar. De acordo com Copetti (2009), a avaliação das dificuldades que se apresentam nos processos de aprendizagem deve ser realizada por diversos profissionais (médicos, psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos e pedagogos).

Copetti (2009) também destaca o papel do diagnóstico para a intervenção. De acordo com o autor, a partir do diagnóstico é possível traçar possibilidades diversas de intervenção, considerando as especificidades de cada caso.

Zaboroski e Oliveira (2013) ressaltam a importância do uso de atividades e tarefas fonológicas na intervenção, sendo que o trabalho do fonoaudiólogo deve estar inter-relacionado com o trabalho do professor e da equipe pedagógica da escola.

Somente um dos artigos achados e analisados apresentou propostas de intervenção que envolvem o uso de computadores, temática pouco pesquisada e explorada em relação a suas possibilidades para estimular o desenvolvimento das habilidades de leitura em pessoas com diagnóstico de dislexia.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do presente trabalho, foi possível realizar um levantamento do perfil das publicações acadêmicas brasileiras relativas à dislexia entre 2015 a 2020, destacando aspectos que possam ser relevantes sobre diagnóstico e intervenção. Também foi possível analisar o perfil das publicações acadêmicas levantadas considerando: tipo e ano de publicação, área da publicação e tema central.

Consideramos que esses objetivos foram alcançados uma vez que tivemos a oportunidade de analisar diversas publicações acadêmicas brasileiras que apresentam pesquisas e revisões de literatura sobre o tema selecionado.

Além disso, o levantamento teórico realizado no início do processo de pesquisa permitiu alcançar uma maior clareza sobre o tema. Como colocado na introdução e fundamentação teórica do presente trabalho, as dificuldades e transtornos de aprendizagem têm sido pesquisados e abordados em diversas publicações acadêmicas pela sua importância para um atendimento adequado das pessoas que apresentam questões específicas no processo de aprendizagem. Sendo assim, é fundamental que os professores tenham conhecimentos sobre o tema e sobre as publicações recentes que abordam o mesmo.

Entendemos a diferença entre dificuldades de aprendizagem e transtornos específicos de aprendizagem, e mesmo tendo em vista que não há um consenso na literatura em relação à definição para as dificuldades de aprendizagem, observamos que as dificuldades de aprendizagem podem ser geradas tanto por fatores intrínsecos ou extrínsecos ao ser humano, ou seja, além dos aspectos psicológicos e biológicos, as dificuldades podem surgir a partir de questões específicas do ambiente no qual o sujeito está inserido.

E os transtornos de aprendizagem são uma condição neurológica que afeta a aprendizagem e o processamento da informação, sendo permanente, os transtornos específicos da aprendizagem abrangem dificuldades na aprendizagem e no uso de habilidades acadêmicas que se apresentam substancial e quantitativamente abaixo do esperado para a idade cronológica do indivíduo, causando interferência significativa no desempenho acadêmico ou profissional ou nas atividades cotidianas, essas características dos transtornos de aprendizagem estão ressaltadas no DSM-5.

De acordo com Copetti (2009), a avaliação das dificuldades que se apresentam nos processos de aprendizagem deve ser realizada por diversos profissionais (médicos, psicólogos, fonoaudiólogos e pedagogos), evitando rótulos e nomenclaturas que não colaboram com o desenvolvimento das potencialidades das crianças.

Como colocado no capítulo dos Resultados, na análise das publicações foi observado uma diminuição do número de publicações sobre a dislexia, sendo encontrados em 2018 somente dois (2) artigos, porém observamos que houve um aumento do interesse pelo tema na área da Educação, apesar de uma diminuição das publicações em relação a anos anteriores aos analisados, apontando uma necessidade de mais pesquisas e discussões sobre o tema na área educacional. Também é importante salientar, que a área da Fonoaudiologia continua sendo a área do conhecimento que mais pesquisa e publica sobre o tema.

Observa-se que o tema desperta a atenção e interesse de diversas áreas do conhecimento que tentam se aproximar do tema a partir de suas especificidades e de forma interdisciplinar. Entretanto, vale a pena ressaltar a necessidade de mais diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento que se interessam e pesquisam sobre o tema e, especialmente, entre a Educação e a Fonoaudiologia.

De modo geral, observou-se que os aspectos relevantes sobre o diagnóstico e a intervenção apresentados nos artigos analisados no segundo momento da revisão estão em consonância com os critérios dos manuais diagnósticos e com as ideias de vários autores que são referência para o estudo do tema.

Levando em conta a importância do tema e a diminuição das pesquisas e publicações sobre o mesmo, enfatizamos a necessidade de mais estudos que abordem questões importantes para a atendimento das pessoas que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem ou transtorno específico de aprendizagem, em específico, a dislexia, sobretudo no contexto escolar, apesar de ser um assunto de extrema importância, ainda são poucos os estudos realizados acerca do tema no Brasil.

Outra questão importante a ser sinalizada é a necessidade de mais pesquisas e trabalhos acadêmicos que nos levem a refletir o que entendemos como transtorno e o possível impacto do diagnóstico na vida da pessoa.

## REFERÊNCIAS

ABD- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em: 19 out. 2021.

A LEITURA E A ESCRITA NA ESCOLA E OS DESAFIOS ATUAIS. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2013. Disponível em: < <https://pedagogiaaopedaletra.com/leitura-escrita-escola-desafios-atuais/> >. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

ATAÍDES, Mariana Lopes. **Concepções e necessidades de formação de futuros professores sobre as dificuldades de aprendizagem**. 2019. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/25705>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BIUK, Alexandra; COSTA, Analia. **Um estudo sobre a dislexia**, 2018. Disponível em: < <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/tcc/article/view/602> >. Acesso em: 12 out. 2021.

CANCIAN, Queli Ghilardi; MALACARNE, Vilma. **Diferenças entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem**, 2019. Disponível em: <<https://www.fag.edu.br/novo/pg/congressoeducacao/arquivos/2019/DIFERENCAS-ENTRE-DIFICULDADES-DE-APRENDIZAGEM-E-TRANSTORNOS-DE-APRENDIZAGEM.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

CARVALHAIS, L. S. de A.; SILVA, C. **Consequências sociais e emocionais da dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso**. Pró-Fono Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v.11, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a03.pdf>.> Acesso em: 19 out. 2021.

CIASCA, S. M.; CAPELLINI, S. A.; TONELOTTO, J. M. F. Distúrbios específicos de aprendizagem. **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CIRÍACO, Flávia Lima. **A leitura e a escrita no professo de alfabetização**. Revista Educação Pública, v. 20, no 4, 28 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/4/a-leitura-e-a-escrita-no-processo-de-alfabetizacao>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

COPETTI, J. **Dificuldades de aprendizado: manual para pais e professores**. 2ª ed. Curitiba: Juruá Editora, 2009.

COPETTI, J. **Dificuldade de Aprendizagem: Manual para os pais e professores**. São Paulo: Juruá Editora, 2005.

DOCKRELL, Julie; MCSHANE, John. Compreensão das dificuldades de aprendizagem: um enfoque cognitivo de referência. In: \_\_\_\_\_. **Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 1132.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRA, Eliane Maria Sanches; BRITO, Maria Izelina Santos de. **Dificuldades no processo da aquisição da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Orientadora: Vanessa Alcântara Cardoso. 33 f. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Plano Nacional de Formação de Professores, Pólo Gurupá, PA, 2015. Disponível em: < <https://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/441> >. Acesso em: 02 out. 2021.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FISHER, Steven R. **História da escrita**: Tradução Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HENNIG, K. A.. **Compreender a dislexia um guia para os pais e professores**. Porto Editora, 2003.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

Mazer SM, Bello, ACD, Bazon MR. Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. *Psicol. Educ.* 2009; (28):7-21.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa de. Psicogênese da Língua Escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Pró-Reitoria de Graduação. **Caderno de formação: formação de professores: Bloco 02: Didática dos conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 2. p. 36-57. (D16 - Conteúdo e Didática de Alfabetização). Disponível em: < <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40138> >. Acesso em: 27 ago. 2021.

MONTANARI, Rafaela. **Uma análise sobre dislexia na escola**. 2015. 65 f. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/128229>>. Acesso em: 19 out. 2021.

MOURA, Leda Cássia Garção; LOPES, Denise Maria Carvalho. **As concepções de professoras e crianças sobre as dificuldades de aprendizagem na alfabetização**, In: XVI Semana de Humanidades, Natal, 2008.

NOGUEIRA, Amábile Bianca. Perfil de pesquisas relacionadas à dislexia: revisão de literatura. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 31, n. 94, p. 73-81, 2014. Disponível em < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862014000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000100009&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em: 28 nov. 2021.



PARENTE, Sônia Maria B. Albuquerque; RANÑA, Wagner. Dificuldades de aprendizagem: discussão crítica de um modelo de atendimento. In: SCOZ, Beatriz Judith Lima (et. al). **Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987, p.4855.

PINTO, C. M. R.G. F. **O dia-a-dia da dislexia em sala de aula: Os conhecimentos dos professores do 1º ciclo sobre alunos disléxicos**. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)- Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2012.

PRADO, Z. Ap. **A importância das atividades lúdicas no processo de ensinoaprendizagem na dislexia**. 2010. 49f. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual Paulista, São Vicente, 2010.

REIS, Caroline Kirsten. **História da escrita: uma contextualização necessária para o processo de alfabetização**. 2019. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28854>. Acesso em: 25 ago. 2021.

RODRIGUES, Sônia das Dores e CIASCA, Sylvia Maria. **Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção**. *Rev. psicopedag.* [online]. 2016, vol.33, n.100, pp. 86-97. ISSN 0103-8486.

ROTTA N.T.; PEDROSO F.S.; **Transtornos da linguagem escrita-dislexia**. In: ROTTA, N. T. ; OHLWEILER, L.; RIESGO, R.D.S. **Transtornos da Aprendizagem Abordagem Neurológica e Multidisciplinar**. Porto Alegre – RS: Artmed, 2006. p. 151,152, 153,155,162,184,185.

SAMPAIO.S; **Aspectos Neuropsicopedagógicos da Dislexia e sua influência em sala de aula**. In: SAMPAIO, S.; FREITAS, I.B.de. **Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem - Entendendo Melhor os alunos com necessidades educativas especiais.**, 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014 p. 37,38,46,47.54,56,58,59,61.

SARAVALI, G.E. Dificuldades de aprendizagem no ensino superior: reflexões a partir da perspectiva piagetiana. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.6, n.2, p.99-127, jun 2005.

SILVA, Sther Soares Lopes da. Conhecendo a dislexia e a importância da equipe interdisciplinar no processo de diagnóstico. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 26, n. 81, p. 470-475, 2009.

SISTO, F.F. Dificuldades de aprendizagem. In F.F. SISTO (Org). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. 8ª.ed. Rio de Janeiro: Vozes,p.19- 39, 2016.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: UNESP. **Cadernos de formação: Alfabetização**. São Paulo: UNESP, p. 79-98, 2003b.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. In: FUCAMP. **Cadernos da Fucamp**, Minas Gerais: FUCAMP, v.20, n.43, p.64-83/2021.

OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. **Cultura Escrita e Oralidade**: 2 a ed., São Paulo: Ática, 1997.

OSTI, A. **Dificuldades de aprendizagem, Afetividade e Representações Sociais**: reflexões para a formação docente. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

ZABOROSKI, A.P.; OLIVEIRA, J.P. **Atuação da Fonoaudiologia na Escola.- Reflexões e Práticas**. Rio de Janeiro: Wak, 2013